Occidente

Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

23.º Anno — XXIII Volume — N.º 760

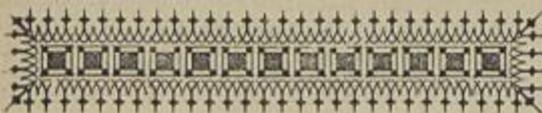
10 DE FEVEREIRO DE 1900

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

METRASS — *Desenho do fallecido professor Victor Bastos*

CHRONICA OCCIDENTAL

Um bocadinho do Padre Manuel Bernardes, chave de diamantes para abrir uma chronica, que talvez haja de tratar de muita coisa da vida vulgar:

«Dizem que os Cursistas de Artes no primeiro anno são Doutores, no segundo Licenciados, no terceiro Bachareis e depois são nada; porque, quanto mais vão estudando, tanto melhor sabem que não sabem, e, quando era menos a luz, era mais a presumpção.»

O mesmo parece querer acontecer á maior parte dos generaes inglezes na campanha do Transvaal, bem como succedeu ao Fritz ao cahir das boas graças da Grã-Duqueza de Gerolstein.

De entrada agaloados generaes, no primeiro encontro mediocres majores, máos sargentos depois e porfim nem cabos de esquadra, assim se mostraram os afamados cabos de guerra.

E entretanto parece que ainda não de todo é perdida a esperança nos animos dos inglezes. Ha muito amor da patria em Inglaterra, muita coragem no peito dos soldados, muito dinheiro. E tudo isso são elementos de victoria.

Mas o orgulho inglez, esse detestavel orgulho que tantas malquerenças e antipathias tem conquistado aos filhos da velha Albion, esse sim, tem levado mais golpes do que um desastrado cavalleiro andante nos fantasticos torneios dos romances de cavallaria.

E outra vez citarei Bernardes.

«Amontoar virtudes, devoções e exercicios pios sem primeiro fazer cabedal de humildade? Pois suppõe que levas pó nas palmas das mãos contra o vento.»

«Conhecer-se por miseravel não é logo ser humilde; é não ser bruto.»

Victoria e logo derrota é a historia sempre. Depois das derrotas outra vez victorias é a historia ás vezes.

Tambem a Cavallieri foi delirantemente applaudida no theatro de S. Carlos, quando se estreiou nos *Palhaços*. E no dia seguinte uma trovoada poz em debandada todas as vaidadesinhas que já haviam eleito pouso n'aquella alma de má artista, como pardaes nos ramos despidos das acacias da Avenida.

Foi-se a toque de caixa a Cavallieri entre muitas troças, muita gargalhada e muita indignação de gente seria. Para contraste chegou a Bellincioni e a *Sapho* de Massenet fez esquecer de todo o horrivel fiasco da famosa belleza de caixas de fosforos a vintem.

Gemma Bellincioni esteve, ha muitos annos, em S. Carlos, quando no principio da sua carreira. Já então começava revelando os dotes que breve a haviam de transformar n'uma das mais notaveis artistas lyricas italianas. Foi agora recebida com grande ovação justissima. E ella, que nada tinha com isso, ajudou a lavar uma nodoa.

Quem dera aos inglezes um Gemmo Bellincioni que resgatasse tanta desafinação de Cavalieros!

Em S. Carlos está agora a victoria por de cima. Por toda a parte luctas!

A mais notavel agora em Portugal é a dos agricultores vinicolas pretendendo vender seus vinhos, que nas adegas abarrotam os tonneis. Para esse fim reuniram congresso, cuja abertura, na presença d'El-rei e da Rainha, sr.ª D. Amelia, se realisou ás duas horas da tarde do dia 5 na grande sala Portugal da Sociedade de Geographia.

Teem continuado as sessões, discutindo-se acaloradamente os differentes pareceres.

«Eu sou dos que mais crêem no futuro, disse o Conde de Bertiandos no discurso que dirigiu a suas magestades. Na historia vejo que nunca em feitos nossos valeu a desesperança e a fé sempre valeu.»

E assim. Com muita confiança é que deve trabalhar-se. O problema de que se trata é dos mais difficeis. Ha mais d'um seculo que se começou labutando n'elle e cada vez mais se complicaram as equações. A' sua resolução consagrou o melhor do seu talento o Marquez de Pombal. Hoje o caso é differente, mas a incognita continua a chamar as attenções, porque o problema é vital, a lucta é pela vida.

Foi realmente um grande homem esse Marquez, que viu de longe os pontos de interrogação e a todos procurou suas soluções. Não lhe podem negar o altissimo valor nem aquelles a quem sua vida, ideaes e processos são antipathicos, ainda depois de tão longos annos apoz sua morte. Foi grande até nos odios que criou, grande nos enthusiasmos que ainda inspira. Demonstra-o o livro do meu querido Antonio de Campos Junior, um dos romancistas mais notaveis da moderna litteratura portugueza. Os folhetins do *Seculo*, agora reunidos em volume, são a maior homenagem, mais brilhante, que um coração cheio de enthusiasmo pode offerecer á memoria d'esse grande homem. E comparavel ao coração patriotico de Antonio de Campos só o seu formosissimo talento.

O romance historico estava um pouco abandonado entre nós e a verdade é que, desde a obra famosa de Alexandre Herculano, ninguem achara o segredo de commover profundamente o publico com a leitura dos grandes factos da nossa historia até que o *Seculo* começou publicando os primeiros capitulos encantadores do *Guerreiro e Monge*.

Cresceu o enthusiasmo do publico com a leitura do *Marquez de Pombal*. Breve teremos o *Camões* e então o applauso ha de ser sem precedentes. O livro de Antonio de Campos será digna homenagem ao auctor dos LUSIADAS, *livro para damas, para cavalheiros e para todos*, como d'este dizia o Telmo Paes.

A historia que, durante tantos annos, pouco interessou os romancistas, inspirou entretanto os dramaturgos, que desde que Lopes de Mendonça escreveu o *Duque de Vizeu*, a elle foram buscar por muita vez assumpto. Quando foi do centenario do descobrimento da India, quantos, só n'essa occasião, appareceram!

A velha sociedade portugueza, depois do drama, inspirou a comedia, e, tanto n'ella os auctores foram felizes, que duas festas em theatro portuguez se realisaram, ha dias, muito infelizmente, ambas na mesma noite. Festa ao Marcellino Mesquita com *Peraltas e Secias* no theatro de D. Maria, festa a Eduardo Schwalback com o *Poeta de Xabregas* no theatro da Rua dos Condes.

Assim vão os theatros tendo concorrencia e já duas novas festas se annunciam para que o publico se vai preparando: estreia de Angela Pinto na *Lagartixa*, que breve veremos no theatro D. Amelia, e reapparição da Lopiccolo em theatro de Lisboa representando na revista *O supplemento do Seculo*, já em ensaios na Trindade.

Alegrias! Alegrias! Vamos rir, rir muito, isso é que é certo.

E para alegria hebdomadaria, mais certa que as previsões do tempo do velho padre Ferreira na folhinha a cada lua, ahi temos agora a *Parodia*, o novo jornal de caricaturas de Rafael e de Manuel Gustavo.

Quatro numeros sahiram, que foram quatro primores!

Já dos dois primeiros foi preciso fazer nova tiragem, tamanha foi a venda, para além de todo o calculo.

Que alegre pagina a do ultimo numero, troca de ameixas na Ameixoeira!

Diz a folhinha que o entrudo está proximo e que nos devemos divertir. *Divertir!* O que quer isto dizer? Se ha nada mais aborrecido do que essa alegria bulhenta com que muitos se embebedam e que aos outros só causa dores de cabeça e comichões nas pontas dos pés!

Divertir...! Andar alegres sim. Mas para isso precisa quem não tenha alegria dentro n'alma que um outro lh'a traga.

E o Bordallo se encarregou d'isso. Pois bemdito elle seja e que a *Parodia* não envelheça nunca, para que dê alegria a filhos, netos e bisnetos.

E' o tempo das festas, dos theatros, dos bailes.

Para alegrias de maior mansidão alguns concertos tem havido, entre elles, notavel, o de Alfredo Napoleão no salão da Trindade.

Vai-se o gosto pela musica felizmente desenvolvendo entre nós. Todavia não tanto como por nosso bem deveriamos todos desejar. Lembra-nos ainda de como friamente o publico de Lisboa concorreu ao ultimo concerto de Vianna da Motta, uma gloria portugueza, cujo nome fôra já acclamado pelo publico d'algumas das primeiras capitaes da Europa e nas principaes cidades da America.

Outros nomes merecem nossa veneração e respeito e, para não citarmos senão os ultimos que applaudimos, lembraremos apenas os de Rey Colaço e de sua gloriosa discipula, eximia interprete de Schumann, de Chopin e de Grieg, sr.ª D. Elisa Baptista de Sousa.

Que bello refugio a musica e que balsamo para dôres o doce esquecimento da alma, baloiçada em mar de harmonias ao sopro do genio!

A arte é a suprema consoladora.

Quizera sobre o assumpto dizer alguma coisa do ultimo livro de Severo Portella, *Terra de exilio*. Elle m'o prohibiu com as amabilidades que a meu respeito escreveu. Ao livro d'elle e ao seu artigo na *Tarde* responderá um santo, a quem dou procuração: «*Non quam multis placeas, sed qualibus stude*. Disse-o S. Martinho Dumiense: «Vê a quaes agradas e não a quantos.»

O tempo é de alegrias e o mesmo santo escreveu: «A tristeza prohibe-lhe a entrada no coração; se já entrou, prohibe-lhe a sahida ao rosto.»

João da Camara.

FRANCISCO AUGUSTO METRASS

7 fevereiro 1825 — 14 fevereiro 1861

Tenho-o deante de mim, alli revive o Metrass representado na bellissima gravura de Souza, da *Revista Contemporanea*, como eu o conheci no *Marrare* do Chiado, nas raras vezes que lá o vi. Physionomia elegante, scismadora e triste de artista, que por entre as palmas do triumpho via já os cyprestes da morte! Nunca lhe falei. Deixei de o vêr, não tardou muito, e quando travei relações com os seus collegas da Academia, o nome do malogrado e talentoso pintor era para elles e para a arte portugueza uma memoria e uma saudade.

Não lhe valeu a mocidade, nem a riqueza, não lhe valeu a sciencia: duas viagens á Italia, e uma estada naquelle verdejante e melancolico paraiso da Madeira — foram para elle apenas estações da sua *via dolorosa!* A tysica — a terrivel tuberculose — arrebatou-o aos trinta e seis annos — a edade funesta, a data funebre de Byron, de Mozart e de Raphael!...

Fadado para uma morte prematura, já quando voltava da sua primeira excursão á França e á Italia, se o artista trazia o seu peculio melhorado com a vista e o exame de todas as grandes obras da arte antiga e moderna; se ao seu espirito se lhe alargaram os horisontes; se lhe cresceram as aspirações, nas sombras que por vezes lhe anuviavam os olhos pensativos, lia-se já a ameaça de uma curta vida! Dizia-o o seu retrato, exposto na *Sala do Risco*, em 1851. Metrass tinha então vinte e cinco annos.

A sciencia estuda hoje com uma enorme abundancia de factos, de observações rigorosamente deduzidas e ligadas entre si, e de raciocinios d'uma logica infallivel, as obras dos que permanentemente doentes e anormaes no seu organismo escreveram, compozeram, esculpiram ou pintaram — e estes estudos positivos, feitos por assim dizer, no laboratorio — são um poderoso auxiliar e lançam uma luz nova nos estudos e nas analyses da critica propriamente litteraria ou artistica, que d'esta forma será mais completa, mais perfeita, mais verdadeira, e portanto, e acima de tudo, mais justa. O ideal da critica — para mim — é e será sempre a Justiça.

Mas o que a sciencia não poderá nunca é dizer onde chegaria a força de producção do talento ou do genio, quando o organismo tivesse equilibradas as funcções da vida physica e da vida intellectual.

Que quadros nos deixaria Metrass — se tivesse a saude vigorosa, a robustez d'um Ticiano?

Andrade Ferreira, que foi seu amigo, deixou-nos d'elle, em um artigo biographico da *Revista Contemporanea*, um retrato que concorda com o que alli vemos, traçado pelo primoroso buril de Souza. Referindo-se ao que o artista expoz na *Sala do Risco*, em 1851, diz o critico: «O retrato era prognostico da sua existencia. Aquella fronte ampla e tranquilla, sob a qual se abriam, com indizivel expressão de doçura, dois olhos de côr desmaiada e que pareciam volver-se mergulhados na melancolia serena e resignada da alma que se desprende da vida sem queixumes, nem desejos; o nariz delicado e ao de leve tocado de uma tinta azulada, como se a finura da pelle deixasse transparecer o azul das veias; aquellas faces, que ainda na primavera da vida haviam perdido já o frescor da mocidade; a bôca fina, meiga e triste, tudo isto era de certo terrivel conjuncto de symptomas d'essa sensibilidade viva, que devora as forças da existencia com a propria intensidade da sua chamma interior.»

A doença, que o minava, já lhe imprimira o cunho fatal, mas se ha um mal que se preste ás idas e retornos da esperança e do desalento é este. E como alguns lhe resistem, embora sob a ameaça permanente do gôlpe fatal, sempre nos vaivens d'esse naufragio, atravez das nuvens que por vezes toldam o firmamento, apparece-nos o Iris da bonança, e com elle a esperança de salvamento.

Vida dolorosa a d'estes condemnados — um eterno nascer e morrer! E um dia a estrella somese nas trevas, para nunca mais voltar!...

A 7 de fevereiro de 1861 passou-lhe na Madeira o ultimo anniversario. Com que mortal tristeza se despediriam os seus olhos de artista d'essa natureza luxuriante e magnifica, e o que lhe iria no espirito, nesse ultimo adeus á vida, que lhe pairava nos labios, onde a custo chegava a respiração, que já lhe ciciava no arfar cançado d'um peito, quasi exangue!

Sete dias depois pendia, para sempre inerte, a mão que pintara a *Leitura dos Lusiadas* e o *Só Deus!*

* * *

Na gentil figura de Francisco Metrass estavam então concentradas as esperanças da arte nacional. Bem fundadas eram. Temperamento de artista, cedeu a uma vocação, que se manifestara desde os verdes annos. Verdes lhes chamamos nós, e bem merecem elles o qualificativo — verde é a côr da esperança, e esta tem-n-a sempre a mocidade. Era uma creança, quando se matriculou na Academia em 1836.

Os quadros que nos legou deixam ver sob todas as suas faces o raro talento com que a natureza o dotara. Não são muitos, é certo: outros, mais felizes, mais ricos de saude, os fariam em menos tempo, mas em todos se revelam as tendencias e as faculdades do artista — o desenho, a luz, a côr e a expressão. Nas exposições a maior concorrencia era sempre em frente das suas pinturas, e tanto na imprensa, como nos centros artisticos de Lisboa, as preferencias e os maiores elogios dirigiam-se ao artista, que em cada nova tela confirmava os seus creditos, realisava as esperanças, que tinham despertado as primeiras obras, e fazia crer, pelos progressos já feitos, que ainda não tocara a méta, e não dera ainda a medida do seu talento.

A morte, porém, cortou tudo — as esperanças e as aspirações!...

A Academia — creação recente de Passos Manuel — estreiou-se com uma pleiada de talentos, que a honraram. Os companheiros de Metrass eram Annunciação, o depois notavel animalista; Souza, o nosso melhor gravador em cobre, que depois foi estudar em França com o famoso Henriquel Dupont; Monteiro — o Monteirinho — como elles lhe chamavam, grande desenhador, e de quem já me occupei neste jornal; Fonseca filho, fallecido ha poucos annos, quando director da Academia; um Tomazini, irmão do meu amigo e distincto pintor de marinhas Luiz Ascencio, que morreu muito novo, creio que tysico tambem e de quem Annunciação me falava com grande louvor... E parece-me que nesta companhia de homens illustres na arte portugueza tambem figurava outro, que havia de brilhar com intenso fulgor — Miguel Angelo Lupi.

Não eram tantos como os da *Ala dos Namorados*, estes namorados da Arte, mas, como os outros, fizeram-se tambem immortaes.

* * *

Aos concursos triennaes concorriam os alumnos mais distinctos da Academia. No de 1843 entraram, com o nosso Metrass, Antonio Thomaz da Fonseca, filho do professor Antonio Manuel, Joaquim Marques e Joaquim Pedro de Souza.

Havia uma *medalha d'oiro* e um *accessit* para os vencedores. A *medalha* deram-n-a a Antonio Thomaz, o *accessit* coube a Marques. Metrass e Souza não tiveram nada!

As provas d'este concurso escolar nunca as vimos — mas o que se viu foi o distincto alumno Fonseca, filho do antigo professor da aula de pintura historica, premiado com *medalha d'oiro*, depois de ir á Allemanha, estudar em Dusseldorf, derivar para a architectura, em que não se distinguiu. Marques, com o seu *accessit*, tinha loja de ourives, sem que por isso pertencesse nem de perto, nem de longe, á illustre confraria dos Benvenuto Cellini, dos Froment Meurice, dos Germain. Em pintura vi d'elle, numa exposição retrospectiva, uma *Natureza morta*, verdadeiramente mediocre. Era certo no *Marrare* á noite, no grupo dos pintores, e foi ahi que o conheci. Dos tres o desprezado então é que depois veiu a ser o illustre.

A eterna historia dos concursos...

Isto não é novo, nem extraordinario — é até muito ordinario. O que é verdadeiramente pasmoso, o que aos leitores deve parecer impossivel, é o que eu lhes vou narrar. Oiçam pois. A estes artistas que, depois de frequentarem as aulas de desenho de estampa e do gesso, tinham passado pela do modelo nú, e d'ahi, já desenhadores, haviam abordado a grande arte, *copiando*, na galeria, alguma figura do Guercino, a Magdalena do *Enterro de Christo*, ou o *Christo* de Luini, não com a força e a maestria dos originaes, mas com o *quantum satis* necessario para a approvação escolar — a estes neophitos adolescentes — Metrass matriculara-se aos onze annos — deram-lhes como thema... O leitor, todos os meus leitores reunidos, aventando idéas, e dando largas á imaginação, não são capazes de atinar! Não, e se apostassem, eu dava-lhes um mez, um anno até, e talvez perdessem! O assumpto foi — *A creação do homem!*

É assombrosamente imbecil a escolha de tal thema. Devem existir occultos nalguma cella excusa da Academia esses crimes de lesa-arte a que os professores de então forçaram os desditosos alumnos. Não os vi, não os verei jamais — de meu natural dorido e compassivo fujo de tristezas, mas sinto ás vezes assomos de curiosidade, ao pensar no que fariam de tal assumpto — na Lisboa de 1843 — fechados nas escuras cellas dos frades de S. Francisco, tres rapazitos de dezoito annos!

(Continúa) *Zacharias d'Aça.*

AS NOSSAS GRAVURAS

GUERRA NA AFRICA DO SUL — LORD ROSEBERY

Continuam os boers levando a melhor na, já famosa para sempre, lucta em que se empenharam, apoz uma paciente e prudentissima preparação, que causou o mais extraordinario pasmo na Inglaterra, quando o facto era tão natural e tão legitimo. Todo o mundo sabia que o Transvaal se armava até aos dentes na eventualidade de uma guerra porfiada, em defeza da sua independencia em perigo e ultimamente seriamente ameaçada. Toda a Europa o sabia e só a Inglaterra parecia ignoral-o. Os resultados ahi se teem patenteado eloquentemente, succedendo-se os revezes n'uma serie enorme e terrivel.

Desde que ultimamente nos referimos a tão palpitante assumpto, varias acções e encontros importantes se teem realisado. Conhecidos primeiramente, como de costume, por victorias dos inglezes, noticias posteriores só affirmam que foram novos desastres. É certo que o povo inglez tem dado mostras do mais alto bom senso, de acrisolado patriotismo e de resignação, que tão duras provas teem soffrido. Não succedeu, comtudo, assim antes da guerra, e isso foi em parte o que lhe originou tantas desfeitas.

O desastre de Spion's-Kope foi de todos os encontros occorridos no lapso de tempo, desde que registámos os acontecimentos da guerra no sul da Africa, o mais importante. O primeiro telegramma chegado á Europa noticiou-o como um encontro sem consequencias desastrosas para os inglezes, antes pelo contrario. Mas não tardou que se lhe seguisse este telegramma:

«As tropas de Warren occuparam, á noite passada, as alturas de Spion's-Kope, surprehendendo a pequena guarnição boer que ali estava, e que fugiu ao ver os nossos soldados.

Occupamos Spion-Kop durante todo o dia 24, posto que tivessemos de soffrer os violentos ataques da artilharia inimiga, cujo fogo foi desagradabilissimo para as nossas tropas.

Receio que as nossas perdas sejam muito consideraveis. O general Woddgate foi ferido gravemente.

Warren julga ter conseguido tornar insustentaveis as posições que os boers presentemente occupam.»

Aqui logo transpareceu claramente uma enorme derrota. Vieram depois outros telegrammas e por elles se soube que o general que ficára ferido, já fallecera, e que o general Warren fôra obrigado a retirar-se.

Foi de tal magnitude este revez que os jornaes de Londres pediram logo unanimente se mandassem mais reforços para a Africa do Sul.

Do acampamento de Frére communicavam nos ultimos dias do mez findo varios pormenores do combate de Spion's-Kope.

Dizia o correspondente que a lucta fôra desesperada e as baixas consideraveis. Hoje estão computadas em 4.000.

O fogo de fuzilaria e de canhão convertera o cimo da collina n'um verdadeiro inferno. As granadas estalavam incessantemente nas filas dos inglezes. Os canhões dos boers eram admiravelmente manejados. As forças de Warren resistiram durante 24 horas áquella espantosa accommettida, mas afinal retiraram-se, protegidas pelas sombras da noite.

Todos os correspondentes concordavam em declarar que o regimento de Lancashire resistira com uma bravura sem exemplo, no alto de Spion's-Kope ao ataque dos boers. Vendo que se não podia sustentar, retirou-se para um lanço de terreno que fica abaixo da cumiada que defendia. Caíam sobre os soldados successivas granadas, indubitavelmente disparadas pelos canhões que os boers tomaram aos inglezes na batalha de Colenso. Ahi permaneceram os soldados de Lancashire até que o fogo d'artilharia se tornou de todo insupportavel.

Na occasião em que o regimento King's Royal Rifflers recebeu ordem para abandonar Spion's-Kope, o seu coronel foi morto com uma bala.

A grande derrota do general inglez Buller, na margem norte do Tugela, conhecida á hora em que escrevemos, é simplesmente aterradora pelo numero de baixas, por ora impossiveis de calcular.

Cada vez se torna mais difficil um triumpho inglez que termine e decida a guerra actual, em seu favor.

*

A taes acontecimentos no theatro da guerra correspondem na Inglaterra outros factos que constituem a sua reflexão. É no parlamento e na imprensa que se mostram. O estado da politica britannica pode reduzir-se a que, os successivos desastres occorridos na campanha na Africa do Sul teem sido motivo para os mais violentos ataques e asperas censuras, como era natural, ao actual governo. Na pugna distinguem-se os nomes dos *communs* John Morley, notavel orador liberal, Brodrick, Leonardo Courtney e *sir* Carlos Dilke, e *lord* Rosebery, cujo retrato apresentamos.

Mas nenhuma das facções, quer unionista ou retintamente liberal, se sente com força para derrubar o gabinete Chamberlain, tanto com receio de perderem a sympathia popular, como por comprehenderem as grandes difficuldades de realisar uma sahida airosa nas actuaes circumstancias.

Isto mostra que á politica ingleza falta um vulto da estatura do venerando e glorioso Gladstone, que lhe indique resolutamente o caminho a seguir.

Lord Rosebery, chefe do partido liberal inglez, talvez um pouco indicado para isso, demittiu-se ultimamente por 22 votos de maioria, quando se discutiu a resposta ao discurso da corôa. O precedente é normal, mas aclarou uma manifestação significativa, conhecida pelos discursos pronunciados em varias reuniões politicas, e que teem sido reproduzidos pela imprensa.

VISITA DE SS. MAGESTADES

A BORDO DO CRUZADOR «D. CARLOS»

No dia 17 do mez passado foi o cruzador *D. Carlos* visitado por SS. Magestades, sendo a primeira vez que a rainha sr.ª D. Amelia admirava o importante navio da armada portugueza, ficando muito bem impressionada e manifestando a mais intima satisfaçao durante todo o tempo que durou a visita.

No referido dia, cerca das 2 horas e meia da tarde embarcaram no arsenal de marinha, na galeota real, os regios visitantes, acompanhados da sua comitiva. N'essa occasião e a um signal do navio chefe todos os navios armados da divisão de reserva embandeiraram nos topes e salvaram com 21 tiros, subindo as guarnições ás vergas para os vivas do estylo.

Suas Magestades foram recebidos a bordo do cruzador pelo respectivo commandante, sr. Guilherme Capello, e pelos srs. conselheiro Custodio Borja, chefe do estado maior, e seu ajudante, capitão de fragata Gonçalves Teixeira, immediato do *D. Carlos*, officialidade da guarnição do mesmo navio, srs. 1.os tenentes Apolinio Rodrigues, D. Luiz da Camara Leme, Freitas e Oliveira e Valle; 2.os tenentes Alexandre d'Almeida e Pinto Bastos, medico Lopes do Rio, commissario Simas, machinista encarregado Cruz e todos os officiaes machinistas, que não estavam de serviço. Fazia a guarda de honra uma força de praças, sob o commando do 2.º tenente sr. Jayme de Souza.

Em seguida Suas Magestades e comitiva visitaram o bello cruzador portuguez, acompanha-

dos pelo commandante, immediato e mais officialidade, tocando durante essa visita a banda do corpo de marinheiros da armada real.

Finda a visita seguiu-se um exercicio de combate simulando a defeza contra um ataque de torpedeiros, rompendo o fogo a artilheria de tiro rapido das gaveas, seguido da artilheria ligeira da bateria de bombordo e portaló, cuja bateria se vê na nossa estampa.

Simulando-se n'esta occasião que se avistava um cruzador a grande distancia pelo mesmo bordo, foi alvejado pelas peças de 15 c/m e logo após pela bateria de 12 c/m que puzeram o navio inimigo fóra de combate, repellindo o ataque dos torpedeiros.

Terminou o exercicio por Sua Magestade a Rainha disparar simultaneamente quatro peças de 12 c/m com a chave de fogo de um circuito electrico.

Commandou o exercicio o 1.º tenente sr. Valle e dirigiu o serviço de passagem de munições o 1.º tenente sr. Freitas e Oliveira.

O exercicio, que correu muito bem, foi seguido com manifesto interesse pelos soberanos que felicitaram calorosamente o digno commandante e mais officialidade.

Durou cerca de hora e meia esta visita, retirando-se os augustos visitantes ás 4 horas da tarde, embarcando na galeota, sendo á saida offerecido a sua magestade a rainha, pelo illustre commandante sr. Guilherme Capello, um lindissimo ramo de flôres naturaes.

Repetiram-se depois as cerimonias usuaes e os vivas pelas guarnições de todos os navios de guerra surtos nas aguas do Tejo.

E assim ajuizaram *de visu* os soberanos portuguezes da importancia do novo cruzador portuguez.

Ultimamente foi o *D. Carlos* em experiencias até á ilha da Madeira, sahindo do Tejo em pleno temporal, sob que navegou quasi até ao regresso, que teve logar no dia 8 do corrente. O navio deu excellentes resultados.

A ventilação na casa das machinas auxiliares, onde a temperatura era elevadissima antes dos trabalhos feitos no nosso arsenal, segundo as indicações da casa Armstrong, faz-se agora com facilidade.

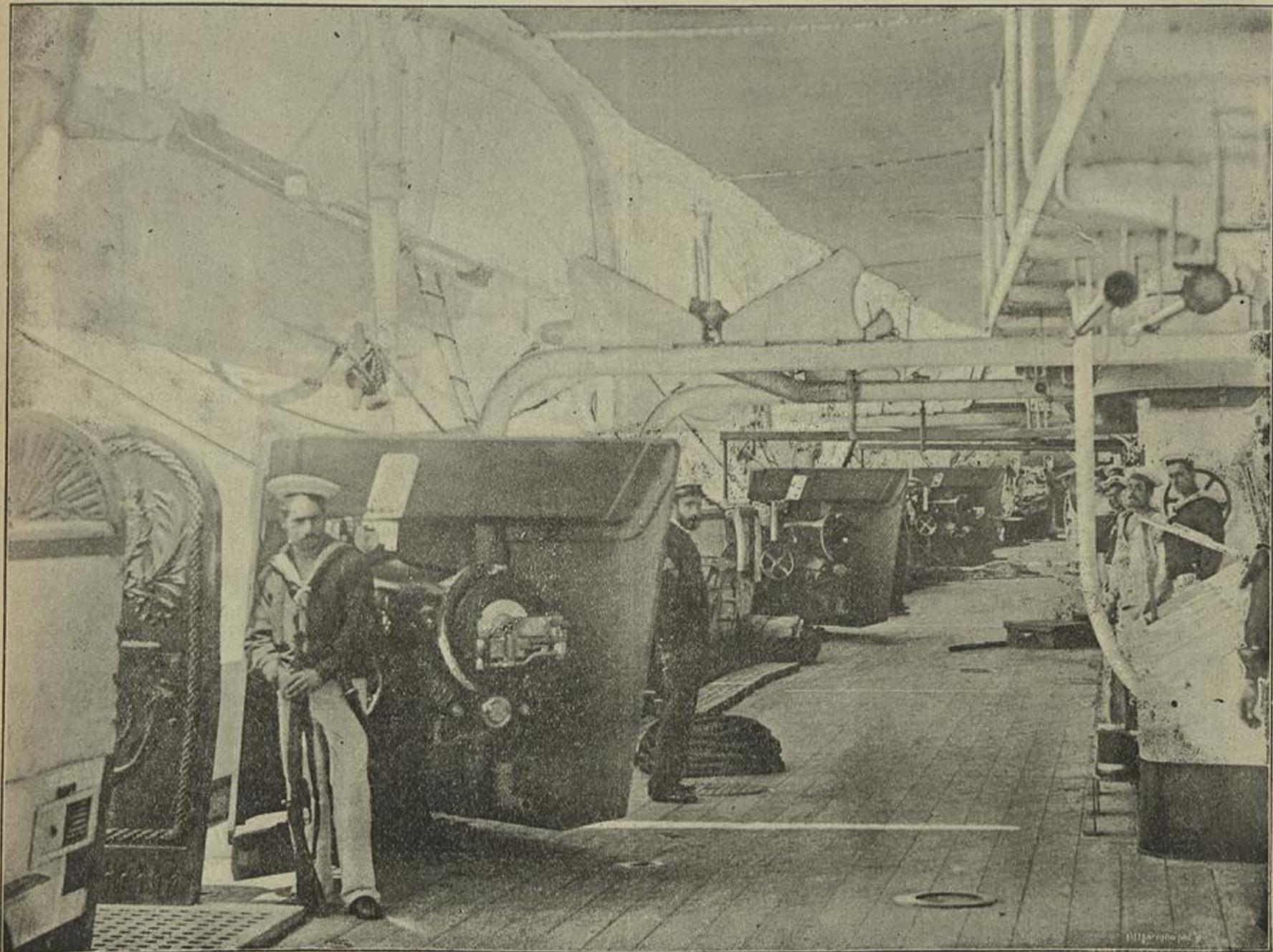
Em consequencia de haver sempre muito mar e tempo durante a viagem, verificou-se que o cruzador possue excellentes qualidades nauticas

Durante a travessia a velocidade não excedeu 15 milhas, porque seria inconveniente excedel-a em consequencia do pessimo tempo. Das 12 caldeiras que o cruzador possue só funccionaram 9 algumas vezes, e de ordinario 6.

No temporal predominaram os ventos noroeste e sudoeste, rijissimos, com fortes aguaceiros d'aquelle primeiro quadrante.

O engenheiro sr. Croneau, que foi assistir ás experiencias, trouxe do navio as melhores impressões, classificando-o de primeira ordem no seu genero. A's experiencias tambem assistiu o sr. capitão de mar e guerra Hermenegildo Capello, que esteve em New-

A GUERRA NA AFRICA DO SUL

LORD ROSEBERY — CHEFE DO PARTIDO LIBERAL INGLEZ

VISITA DE SUAS MAGESTADES AO CRUZADOR «D. CARLOS» — A BATERIA DO CONVEZ

Castle, como delegado do governo durante a sua construcção.

O *D. Carlos* deve em breve seguir para Lourenço Marques, depois de limpar o fundo.

Acha-se, pois, apto o mais importante vaso da marinha de guerra portugueza, para exercer as commissões de serviço ultramarino para que foi destinado, e cujo desempenho urgente se reclama.

BURGOS — A PONTE DE SANTA MARIA

Burgos é a cidade medieval, a cidade que mais genuinamente personifica a reconquista christã nas Hespanhas; pela representação que cedo alcançou e augmentou quando foi considerada cabeça de Castella, chegou então a disputar primazias a Toledo. A velha Castella é fecunda em lendas poeticas, povoada de episodios interessantes a sua historia, rica de tradicções deleitantes, cheia de monumentos notaveis e tão sympathica aos hespanhoes, como a nós extrangeiros.

Região importantissima para o historiador e para o archeologo offerece-lhe mil encantos e attractivos. São numerosas as monographias da sua cathedral e dos outros seus mais bellos edificios. Acha-se ella na parte central e superior da peninsula, sulcada de montanhas de constituição diversa e altura variada, regada pelos mais caudalosos e importantes rios do systema hydrologico hispanico; semeada de valles pittorescos e frondosos, eriçada de povoações, nas quaes vivem e se agitam poderosamente as lembranças dos tempos idos, principalmente d'aquella lendaria epoca medieval, de que conserva tantas e tão nitidas memorias. E' a cidade condal das margens do Arlanzón e do Pico. N'ella se erguem, como symbolo da sua perdida importancia, as ruinas pittorescas do seu castello alteroso e ameado a par da egrejinha humilde de portada romanica.

E, evocando a epopeia da reconquista christã, de que Burgos é a estrophe mais inspirada, passemos um rapido olhar pelos seus monumentos, voltemos como em livro secular essas paginas de marmore, tão suggestivas e formosas.

Comecemos por admirar Clunia, desolada, com os restos informes do seu antigo theatro, os fragmentos de marmores lavrados que se encontram no solo que o camponez indifferente sulca e revolve com a relha do arado; os pavimentos de mosaico destruidos e cobertos de terra pelos sedimentos dos seculos; a casaria pobresinha e a egreja modesta construida com restos d'esses edificios antigos, onde ha relevos wisigothicos, como os que se descobrem no logar de Peñalba de Castro; o castello desmantelado, cujos paredões arruinados e torres quasi desmoronadas por completo se conservam de pé por um prodigioso milagre de equilibrio; e a ermida solitaria do Santo Christo em Coruña del Conde.

Folheemos outro capitulo: admiramos agora Silos com os velhos muros do antigo e famoso mosteiro, e o seu claustro quasi intacto; a egreja de S. Pedro, a parochia de S. Domingos. Depois apparece Arlanza com as ruinas dolorosas do seu famoso templo, com as naves cheias de escombros, o interessante e supposto sepulchro de Mudarra e o sombrio e moderno mosteiro de S. Pedro.

Eis outro capitulo, aquelle que mais interesse offerece ao erudito. E' Covarrubias com o seu magnifico archivo e a sua celebre collegiada, honrada pelos tumulos do Conde Fernan Gonzalez e de sua esposa D. Sancha de Navarra; Mecereyes, logarejo humilde mas cujo nome recorda numerosas e interessantissimas lendas, embora nada haja de commum entre um e outro; Olmos-albos com a sua torre quadrada, em torno da qual se agrupa a casaria da povoação; o palacio Saldañuela; San Quirce com a sua celebrada abbadia; Gamonal com a historica egreja; Bribiesca, a antiga *Virovesca*, com o faustoso convento de Santa Clara; a freguezia de Santa Maria, a de São Martinho e a casa das *Cortes*; a ermida arruinada de São Toribio, no caminho de Oña; o interessantissimo mosteiro de São Salvador, notavel por tantos titulos, e n'esta terrazinha tão poetica o claustro, que se julga superior ao de S João dos Reis em Toledo.

O livro tem uma segunda parte. Devemos ainda passar-lhe a vista. Abre com o Ebro, manso e socegado correndo pelos penhascos que semelham fortalezas e depois espraiando-se e tornando-se mais sereno ainda; Frias com o seu castello e as suas egrejas; Medina do Pomar com as torres desmanteladas, trabalhadas no interior com o fino lavor dos mudejares, e o convento de Santa Clara e outros monumentos religiosos da mesma povoação.

Outro capitulo é formado por Pancorbo, com os historicos desfiladeiro e castello, hoje atravessado o primeiro pela linha do caminho de ferro. Miranda do Ebro com a importante egreja de S. Nicolás, o castello desmoronado e o convento de São Francisco; Soto-Palacios, de torres quadradas e fortaleza elegante, cujos humbraes se não podem transpôr sem perigo das paredes se esboroarem.

Penultimo capitulo. Trata-se do heroico Cid, o heroe castelhano de que tanto se orgulha a cavalheirosa Hespanha, é Bivar del Cid que o lembra e a fama; o mosteiro de Fresdelval; Miraflores ostentando a sua cartuxa, onde dorme o somno eterno, junto de seu marido, uma illustre princeza de Portugal, D. Izabel segunda esposa de

HESPANHA — UMA VISTA DE BURGOS

D. Juan II de Castella. Os tumulos são uma maravilha da arte da esculptura em pedra.

Ultimo capitulo. É constituido pela collegiada e ruinas do palacio de Lerma; a egreja do Bahabón; Gumiel de Izán, com a sua soberba egreja de Santa Maria; Aranda do Douro, La Vid, Peñaranda do Douro, Cardeña, Atapuerca, Roa, Beorado e tantas outras povoações que proclamam bem alto a grandeza e a fama de Castella.

Fechemos o livro. Falta-nos o tempo agora, mas ainda o havemos de folhear outras vezes, publicando novas vistas e monumentos do extincto reino. Por hoje apresentamos a ponte de de Santa Maria em Burgos, e da vista se desfructa o aspecto da cidade.

AS REPUBLICAS ITALIANAS

(SECULO XII)

No seculo XII a revolução começa na Italia. [1] Durante seculos fôra a peninsula o theatro de continuadas invasões. Após os soldados de Odoacro (Herulos, Rugianos, Scyrhas, Turcilingos, etc.), [2] tinham vindo os Ostrogodos de Theodorico, [3] os Lombardos de Alboim, [4] os exercitos de Carlos Magno, [5] e finalmente os Sarracenos, [6] os Hungaros [7] e os Normandos. Quando a Italia veio a pertencer ao imperador da Allemanha, parecia ter acabado o mundo antigo; mas sobre as ruinas da civilisação romana erguera-se um outro renascimento politico, avigorado pelo sangue barbaro e filho das successivas desgraças e calamidades, que os povos haviam soffrido. Desligados do imperio do Oriente, que apenas conservára a suzerania sobre as cidades maritimas da Grande-Grecia; [8] distantes do imperador da Allemanha, que sómente fôra venerado durante o governo de Othon-o-Grande; explorados por todos os poderes, que disputavam no terrivel jogo das batalhas o solo ensanguentado da peninsula, os povos da Italia foram emancipando-se gradualmente, e já no seculo X florescem algumas cidades, tendo constituições livres, muralhas e exercitos para as defenderem.

A historia refere seus nomes. Veneza, banhada pelo Adriatico, Gaeta, Napoles e Amalfi pelo mar Tyrrheno, são as principaes republicas da peninsula. Defendida pelas lagunas, é a Venecia, desde o começo das invasões, o refugio dos vencidos em todas as grandes catastrophes da Italia; exuberante de população, ao passo que vae architectando a liberdade, affirma a sua vigorosa adolescencia nas largas emprezas commerciaes e maritimas, e nas expedições militares contra os Lombardos e contra os piratas da Istria e da Dalmacia. [9] As outras cidades da costa occidental da peninsula seguem-lhe o exemplo; e, quebrando o laço que as prendia ao imperio de Byzancio, fundam republicas consulares, combatendo os Lombardos de Benavente, os Sarracenos que haviam invadido o sul da Italia, e mais tarde os Normandos, que tinham chamado a titulo de alliados, e que, finalmente, as conquistaram (1135-1138).

Antes, porém, do seu occaso, brilhante por ter allumiado o Occidente com a jurisprudencia de Justiniano [10] e as primeiras leis sobre direito commercial e maritimo [11], surgem para a liberdade as cidades de Piza e Genova, as quaes, havendo sacudido o jugo dos Lombardos, iniciam pelas expedições contra os Sarracenos das ilhas do Mediterraneo [12], e pelas cruzadas, aquelle poderio e opulencia, que, rival de Veneza, obrigou mais tarde a Europa a proclamar os povos das costas da Italia os primeiros na empresa maritima, commerciante ou militar.

Antes do meado do seculo XII, Veneza, Piza e Genova estão á frente de tres confederações de

[1] Vide artigo *Os Seculos da Revolução*, pag. 278 do n.º 755 do *Occidente*.

[2] 476.

[3] 489.

[4] 508.

[5] 774-888. A conquista dos francezes foi considerada pelos italianos uma invasão de barbaros. — Sismondi de Sismondi, *Histoire des républiques italiennes*, t. I, pag. 33.

[6] 827-851.

[7] 900.

[8] Napoles, Gaeta e Amalfi.

[9] Esclavonios

[10] As *Pandectas de Justiniano* foram encontradas em Amalfi (1137) As côrtes e escolas da Europa, a breve trexo, tiveram conhecimento d'aquelle Direito, vulgarisado pelos pacientes copistas dos conventos.

[11] *Taboas amalfitanas* ou de Amalfi. Codigo nautico composto em Amalfi no seculo X. Em assumptos de navegação e commercio, foi, na edade-media, a base do *direito das gentes*.

[12] Corsega, Sardenha e Baleares.

Tambem expulsaram os Sarracenos estabelecidos na Calabria, e foram mesmo ataca-los na Africa, ameaçando Carthago, conquistando Bona, antiga Hippona de S. Agostinho. *Sismondi, t. I, cap. V.*

povos: a veneziana abrange as cidades livres da Illyria; a de Piza as cidades das Maremmas [1]; a genoveza as cidades da *riviera*, isto é, Lavagna, Vintimiglia, Savona e Albenga.

Estes acontecimentos, retemperando o caracter dos italianos, haviam preparado a independencia das cidades do norte; outros successos, porém, não pouco impulsaram essa grande revolução. No seculo XI as guerras civis assolam a Italia; e em vão a *Tregua de Deus* [2] tenta restabelecer a paz. Todos os elementos sociaes se confundem e guerreiam. Nobres e *vavasseurs* [3] accommettem as cidades (1027 a 1036); os burguezes combatem os nobres; escravos e *vavassins* [4] emancipam-se no meio da confusão geral; uma tal anarchia apressa a revolução das communas; a nobreza dos campos fortalece a, obtendo das cidades o direito de burguezia; e, quando Hildebrando, filho de servo, com o nome de Gregorio VII vae sentar-se pelo suffragio do povo na cadeira de S. Pedro (1074) [5], a lucta travada com o imperio encontra em armas toda a Italia.

E' um momento notavel da historia (1073-1085).

Hildebrando, frade austero de Cluny, antes de ascender á tiara, já dirigia a christandade, governando os tres pontifices, em cuja eleição influira. Apenas supremo hierarcha do catholicismo, logo no papa se revelou o monge. Affeito á disciplina monastica, tentou converter a egreja em ascetério, impondo-lhe o estatuto rigoroso das ordens religiosas. D'este modo, a egreja, desligada dos affectos mundanos, receberia suas convicções, pensamento e vontade, do representante de Deus, illuminado pelo Espirito Santo.

O ensejo era azado para um tão ardido commettimento. A barca de Pedro ameaçava naufragio no seculo eivado do feudalismo, que invadira toda a sociedade: — leigos e clerigos. A propria realeza estava enfraquecida perante o engrandecimento dos poderes locaes, duques, condes e barões. Tudo era feudalismo, ou, antes, tudo era anarchia, porque as paixões e crimes dos paços e castellos existiam por egual nas cathedras dos bispos e na jurisdicção dos ricos abbades, adquirida quasi sempre a peso de oiro ou torpes aventuras. Até os mosteiros corriam risco de perder-se; elles, que eram a egreja dos soffrimentos, differente da que vivia no seculo, faustosa e cercada de galas e opulencias [6].

Gregorio VII acudiu, fulminando padres e reis. Para desprender a egreja do poder temporal, abalançou-se a tres difficeis commettimentos: — a remir o papado da suzerania allemã; á reforma dos costumes e disciplina do clero, tornando-o independente do poder civil; emfim, quiz dominar os leigos, povos e monarchas, em nome e no interesse da sua salvação.

Recusando submetter a eleição dos papas á sancção imperial, conseguiu o primeiro *desideratum*; alcançou o segundo, legislando o celibato do clero, combatendo a simonía e oppondo-se a que o poder temporal desse a investidura dos beneficios ecclesiasticos; finalmente, obteve o terceiro, intervindo no governo dos povos, para o que ergueu alto a tiara, convertendo-a num sceptro, e tentando fazer do mundo um reino.

O plano de Gregorio VII, meditado nas largas horas da solidão do claustro, a realisar-se, viria destruir toda a sociedade feudal. Rei e cavalleiros correram em defensão de suas regalias; elles, que haviam enriquecido a egreja, julgavam-se com o direito de prover os beneficios ecclesiasticos, direito egual para os das dioceses, como para o da sé romana, engrandecida pelas doações de Pepino, Carlos Magno e Luiz o Bom. Além do que, o direito feudista lá dizia que — o possuidor da terra devia homenagem ao seu senhor, e que era da competencia d'este conferir a investidura, — signal de protecção e suzerania. Tal era a lei dos feudos, lei universal, que não acceitava excepções nem a favor do clero.

Era, porém, de urgencia subtrahir a egreja aos poderes seculares, restabelecer o principio democratico da eleição, acabar de vez com a simonia, e finalmente exalçar a cadeira de S. Pedro acima

[1] *Maremma*, corrupção da palavra latina *maritima*, costa de mar da Toscana, desde a falda dos Alpes Ligurios até Serchio; desde Lecine até aos antigos estados da Egreja. Paiz fertil, mas insalubre, por ser arido e pantanoso. *Sismondi, t. I p. 262.*

[2] *A Tregua de Deus* prohibia as guerras feudaes durante quatro dias na semana; desde a uma hora de quinta até á tarde de segunda feira. Prégada em França pelos bispos de Arles e Lyon, foi na mesma epoca introduzida na Italia, mas quasi nunca executada. *Ducangius in glossario latinit. Voce Treva.* Já o Corão estabelece a *tregua de Deus* durante quatro mezes do anno, em que prohibia as hostilidades dos fieis.

[3] *Vavasseurs* — vassallos dos condes, e sub-vassallos dos reis.

[4] *Vavassins* — vassallos dos *vavasseurs*, com obrigações militares.

[5] Foi eleito pontifice a 22 de Abril de 1073.

[6] Michelet.

dos thronos, para firmar o dominio universal da egreja. Assim o pensava Gregorio VII.

Oppoz-se-lhe o chefe supremo do feudalismo — Henrique IV.

A decretal, que tirava ao imperador germanico a nomeação do papa e a collação das dignidades ecclesiasticas, responde Henrique, depondo a Gregorio no synodo de Worms (1076). O pontifice excommungou o imperador. N'este tempo, excommungar ao rei, era desprender os vassallos da obediencia, acto grave, poisque a sociedade civil, ou antes a feudal, baseava-se no pacto de vassallagem. O Cesar allemão tremeu. Os inimigos da casa de Franconia, suspenderam-no do exercicio de suas funcções na dieta de Terburg, e ameaçaram depôl-o, se no termo de um anno se não reconciliasse com a santa sé. Receando perder a corôa, obedeceu. Pelos rigores de frigidissimo inverno subiu os Alpes, atravessou toda a Italia, e foi a Canossa, perto de Reggio, supplicante, descalço, implorar de joelhos ao pontifice o perdão da sua culpa. (Janeiro de 1077). Absolvido, retirou-se humilhado. E porque a batalha de Volksheim, em que foi morto seu competidor, Rodolpho de Suabia, lhe restituiu o governo da Allemanha (1080), jurou vingar-se.

Então volveu á Italia; despojou de parte de suas terras á Condessa Mathilde, virtuosa protectora do papado; apossou-se de Roma; nomeou pontifice ao bispo de Ravenna, com o nome de Clemente III; e o proprio Gregorio VII lhe teria cahido nas mãos, se os Normandos, que vinham de submetter a Italia meridional, lhe não tivessem dado asylo em Salerno. Morreu no meio d'elles (1085). — «Amei a justiça e odiei a iniquidade; por isso morro no exilio» [1] — taes foram as suas ultimas palavras.

A lucta contra o imperio por causa das investiduras protrahiu-se ao reinado de Henrique V; mas as peripecias alternadas da contenda haviam cançado os contendores; o tempo resfriára as paixões dos dois partidos. Além de que, Gregorio VII havia descido ao tumulo; e só elle, que fôra neste seculo a expressão mais alta do genio, da virtude e da firmeza de vontade, podia conceber e tentar a realização da idéa elevada, tão natural a um padre, de sobrepôr o espirito á materia, dando aos reis, como supremo arbitro, o successor de S. Pedro.

A concordata de Worms (1122) terminou a questão das investiduras; mas os povos, actores e espectadores d'este grande drama, tinham-se emancipado no correr da refrega. Gregorio VII, condemnando os padres simoniacos e os excessos do clero, legislando o celibato, emprehendendo fazer sahir da hierarchia feudal bispos e abbades, citando perante o tribunal da egreja imperadores e reis, tinha exauctorado os poderes da terra, descoberto muitas torpezas, posto á luz muitas chagas, e apontado muitos abusos. A consciencia pública accordou por toda a Europa, principalmente na Italia, primeiro theatro da lucta, e onde os dois grandes poderes do seculo, o papa e o imperador, governavam mais pelo prestigio das recordações — a unidade do mundo antigo — do que pelo exercicio real e effectivo da soberania.

Assim, não é admirar que as cidades Lombardas, já constituidas militarmente e tendo magistraturas populares, se subtrahissem por completo ao dominio dos dois poderes, agora em desconceito pelas mutuas accusações. Tinham egualmente conhecido seu valor e importancia, quando disputavam sua alliança, antes que a vassallagem, ora um ora outro dos dois encarniçados contendores.

Eis porque, constituidas em republicas as cidades da Toscana e as da Lombardia, emquanto Gaeta, Napoles e Amalfi, conquistadas pelos Normandos, vêem morrer neste seculo XII as suas liberdades, de ha muito florescentes, robustecem aquelles municipios a sua autonomia, cercando a das instituições, que deram ao mundo a liberdade antiga. Então o governo do povo pelo povo é a lei geral de todas as cidades italianas. Consules eleitos annualmente administram a justiça, commandam os exercitos, declaram a paz e a guerra. Ao lado dos consules põe a revolução os senadores, a *credenza* e o *concilium generale*, tribunaes consultivos, que auxiliam o governo e preparam as leis; acima d'estes fica o povo soberano [2], que

[1] «Dilexi justitiam, et odivi iniquitatem, propterea morior i exilio».

[2] «L'assemblée du peuple était souveraine, et les magistrats la consultaient dans toutes les villes; la loi ne permettaient qu'on portât une délibération à l'assemblée du peuple, avant que le conseil de *credenza* et le sénat eussent donné leur assentiment au project proposé». — *Sismondi — Histoire des républiques italiennes du moyen âge, t. I, pag. 270.*

Taes poderes eram copiados fielmente da antiga constituição romana. Lá o diz Sallustio:

nas occasiões solemnes é convocado em parlamento na praça publica pelo appellido do sino da communa, essa grande voz do municipio na edade média.

Ao findar o seculo, todas as cidades do Piemonte, da Lombardia, da Emilia, da Venecia, da Romagna e da Toscana possuiam constituições consulares, magistrados electivos e milicias armadas.

A nova organisação politica, iniciada pela Italia meridional, e seguida ao norte da peninsula, em breve se manifestou nos Estados da Egreja. Em Roma, as novas ideias tinham de combater as maximas de Gregorio VII, e o respeito que os povos consagravam ao successor de S. Pedro. Os acontecimentos do seculo, porém, (já o dissemos) não concorreram pouco para lhes dar a victoria. A concordata de Worms, que suspendera a guerra do sacerdocio e do imperio, não pudera, todavia, attenuar o immenso descredito, a que haviam chegado os grandes feudatarios da egreja. Scismas frequentes tinham egualmente desprestigiado o throno pontificio, e mais ainda depois que a tiara, opulentada pelas successivas doações, e na posse das propriedades da Condessa Mathilde, era o alvo constante dos ambiciosos, que disputavam nella menos o dominio espiritual das consciencias, do que o dominio temporal dos bens terrestres. No seculo XII, além d'isto, theoria nova e extranha veiu dar força e consistencia á revolução. Referimo-nos ás doutrinas de Arnaldo de Brescia. Aqui a biographia toma o passo á historia.

Arnaldo de Brescia, monge do seculo XII, estudára o direito romano em Bolonha, e a dialectica em Paris com Abailard, o doutor de St.ª Genoveva. Homem energico, erudito, eloquente, de costumes irreprehensiveis, era todo alma como S. Bernardo. Assim como Abailard distingue a razão da fé, assim elle separa o espiritual do temporal; o governo das consciencias do governo dos interesses; e, negando ao clero o direito de possuir feudos, aos bispos os direitos realengos, aos padres a propriedade, concede-lhes tão sómente o dominio espiritual e o dizimo dos fructos da terra. Gastou a vida na defeza d'estas ideias; mas ainda moço, ardido e apaixonado, foi intolerante, como é dos homens, a quem domina uma grande convicção.

A ardencia de suas predicas aterrou o orbe catholico. O bispo de Brescia expulsou o homem perigoso da sua terra natal (1139). Um concilio o declarou heretico, proscrevendo-o da Italia (1139). Exilado em França, ainda no concilio de Sens (1140) tentou defender Abailard, outro proscripto illustre; mas, ferido do anathema, que desauctorou o mestre, foge, emquanto elle, retractando-se, morre em paz no convento de Cluny (1142).

A revolução acompanhou-o no exilio.

Os homens superiores teem sempre um grande inimigo, que os escuta, os segue e persegue. Acompanha-os, como se fôra a sua sombra; ouvem-no, como se fôra o echo das suas palavras; vêem-no, como se fôra o vestigio dos seus passos. As vezes é um sentimento occulto, que só vê a propria consciencia; é um remorso, os ardores da ambição, as feridas da vaidade, uma grande dôr, ou um grande ideal. Outras, esse sentimento tem uma forma, um pensamento, constancia feroz na resistencia, grande tenacidade no ataque; chama-se ideia, mas é homem; chama-se direito, mas é classe; diz-se justiça, mas é interesse; tem força, eloquencia, erudição; tudo isso acontece em muitos casos pertencer a um mundo já morto; mas que importa? é resistencia, e vence ou é vencida. Arnaldo de Brescia encontrou este inimigo, logo que se propoz revolucionar o mundo. Chamou-se, no seculo, — S. Bernardo.

Palavras de fogo, como eram as do asceta santo; cartas, que pareciam illuminadas por inspiração sobrenatural; odio improprio da caridade christã, e proprio de um fanatico; perseguição infatigavel, — de tudo elle dispoz para amargurar a vida do heresiarcha, na Italia, em França e na Suissa. Debalde elle o expulsou de seu coração e do mundo; em vão pede a todos os bispos e poderes da christandade que o prendam ou expulsem; debalde! Apesar do seu viver errante e perseguido, ninguem houve que, praticando uma obra meritoria, o carregasse de ferros, — *non fuit qui faceret bonum*, diz o proprio S. Bernardo. [1]

Roma, finalmente, abriu-lhe as portas. (1145). O povo romano, embuido das suas doutrinas, tinha proclamado a separação dos dois poderes; presenceando de perto a emancipação das communas Lombardas, emancipára-se egualmente, deixando ao pontifice apenas o poder espiritual. Era então representante de S. Pedro, Innocencio II. Consumada a revolução, morreu de pesar (1144). Succedêra-lhe Lucio II; mas um dia, em que foi ao Capitolio, cercado de sacerdotes e cavalleiros, para dispersar o senado eleito pelo povo, este deu sobre elle ás pedradas e o pontifice caiu ferido mortalmente (1145). Então foi offerecida a thiara ao discipulo de S. Bernardo. Eugenio III tomou posse do solio de S. Pedro; mas, obrigado a deixar á cidade o seu governo, saiu de Roma, e voltou a combatê-la com as milicias de Tibur e os vassallos dos Frangipani. Na impossibilidade de vencer, reconheceu o senado, obteve a suppressão do patricio que exercia o poder executivo, e a substituição d'elle pelo seu prefeito. Mas a tregua foi de pouca dura; ergueram-se conflictos entre as duas auctoridades; e foi quando surdiu da Suissa, com tres mil montanhezes de Zurich, Arnaldo de Brescia, que era a alma da revolução. Eugenio III fugiu. Como diz um escriptor moderno, o discipulo de S. Bernardo recuou deante do discipulo de Abailard.

Rejuvenesceu em Roma a antiga republica dos consules, forma politica, em que a epoca moldava as suas aspirações. E verdadeiramente só uma instituição consagrada pelo tempo podia, pela sua importancia antiga, oppôr-se ao prestigio do papado. No mais acceso da lucta, apparece ainda a sombra do eloquente abbade de Claraval: vêem-se as suas lettras, escuta-se-lhe a voz; debalde ainda. Chora pelo imperador da Allemanha; mas a republica continúa, e Eugenio III morre no exilio, fóra da cidade santa em 1153. Succede-lhe Adriano IV.

Fiel imitador das ideias de seus antecessores, tenta acabar de uma vez para sempre com a democracia romana; mas, como só encontrava um meio, — o imperador da Allemanha, convidou-o a vir receber em Roma a corôa imperial.

Por morte de Conrado III, succedera-lhe no imperio seu sobrinho, Frederico de Suabia, ou antes, Frederico I, o Barba-roxa. A eleição d'este principe, o maior senhor feudal da Allemanha, puzera termo á guerra civil entre *guelfos* e *gibelinos*; reunira por isso debaixo da sua bandeira as maiores casas feudaes do paiz. Homem de genio, como Arnaldo de Brescia, ou como S. Bernardo, comtudo mais forte do que elles, porque tinha nas suas mãos a herança de Othon-o-Grande, e a seu favor o direito romano que, desde o começo do seculo, principiára a ser estudado, Frederico Barba-roxa, poderoso por tantos motivos, desceu á Italia, convencido de que a independencia das republicas era uma revolta, e de que os privilegios das cidades eram usurpações (1154).

Desceu dos Alpes pelo valle de Tarento á frente do mais brilhante exercito, que apparecêra na Italia. Juntaram-se-lhe todos os feudatarios da Allemanha nas margens do lago de Garda. D'alli avançou até Roncaglia, onde celebrou os comicios do reino, segundo o uso antigo. Antes de apparecer na cidade eterna, saqueou e devastou a todo o Milanez; destruiu e pôz em chamas a cidade de Tortona por ser alliada de Milão; e, depois de ter dado ás republicas este exemplo feroz do seu poder, fez-se coroar rei dos Lombardos em Pavia. [1] Em seguida entrou em Roma. Julgando acabar com a revolução, tirando-lhe o chefe, apoderou-se de Arnaldo de Brescia; e em breve um concilio, declarando-o heretico, o entregou clandestinamente á fogueira, em frente do *Corso*, onde elle tinha proclamado os artigos de nova crensa (1155). O municipio, porém, não morreu. Desde Arnaldo de Brescia até Cola di Rienso (1347), foi um dos mais independentes das cidades italianas [2].

As ideias do celebre agitador tambem não tinham morrido. A perseguição que lhe movêra o orbe catholico, foi para ellas o grande elemento de publicidade. O proscripto andára vagabundo com a sua doutrina, e por vezes a ensinára publicamente. Nem isto deve admirar. No seculo XII o ensino era livre [1]; os professores fundavam escholas ou nos grandes emporios da civilisação, ou nos mosteiros isolados. A mocidade do tempo deixava as cidades e os castellos, para ir sentar-se nos bancos das escholas a escutar a palavra dos mestres. D'alli saíam os paladidos da ideia para combater nas luctas do pensamento a outros campeões famosos. Abailard, esse grande vulto do seculo XII, na carta que dirige a um amigo, *historia calamitatum suarum*, [2] descreve fielmente essa grande lucta da dialectica, essa propaganda das ideias, movimento febril e apaixonado de uma epoca, que sente em si o genesis do mundo novo. Elle proprio foi então um dos primeiros lidadores; e as suas predicas, já de si eloquentes e novas, tiveram além d'isso a celebridade da sua magestosa figura e das suas notaveis desgraças.

Agora comprehende-se a razão por que as revoluções da Italia no seculo XII não puderam ser dominadas pelos poderes constituidos, nem pelo prestigio lendario de Frederico, o Barba-roxa. É que as revoluções são difficeis de serem vencidas, quando lhes assiste o direito [3]. Depois, consoante a lição da historia, não é facil suffocar uma revolução, que defende as ideias pela força. As guerras das republicas entre si, a contar de 1:100 a 1:152, tinham aguerrido as milicias dos concelhos no cerco das cidades, na escalada dos castellos, e nas batalhas campaes. Esses burguezes, que se batiam pela independencia da sua republica, muitas vezes em prejuizo de uma republica visinha, eram os mesmos que affirmavam a sua rija tempera no commercio, nas viagens de longo curso, nas cruzadas e em todas as manifestações do espirito humano. Havia ahi um mundo novo, que era necessario combater; theorias novas e perigosas, a que hoje chamariamos direitos naturaes, e que era necessario destruir; para isto não eram bastantes as armas temporaes. O imperador da Allemanha, espirito superior, assás o comprehendeu, e decidiu oppôr á sociedade nova a sociedade antiga; ao direito das republicas o direito romano, o grande direito do imperio, legislado no Codigo Justinianeo, e que a espada dos Cesares affirmára. No regresso da Allemanha em 1158, convocou a dieta de Roncaglia; mas nunca, diz Sismondi, foram abandonados tão covardemente os direitos dos povos. O clero e os jurisconsultos foram os partidarios do obsolutismo [4]. A dieta, onde compareceram os maiores feudatarios do imperio, insignes romanistas, os delegados das republicas e os mais illustres homens da egreja, entregou a Italia manietada nas mãos do imperador. Concedeu-lhe todos os direitos *realengos*, isto é, em todas as cidades, ducados, marquezados e condados, o direito de cunhar moeda, as peagens, os tributos, os portos de mar, os moinhos, as pescas, e todos os rendimentos dos rios, uma capitação sobre todos os vassallos do imperio, e além d'isso o direito de nomear juizes e *podestats* [5], extranhos ás cidades que deviam reger. A dieta prohibiu as guerras privadas das cidades; condemnou Plasencia, porque era alliada dos Milanezes, a destruir as suas muralhas e torres, e a terraplanar os fossos, que a sitiavam; finalmente, consentiu que o imperador se arrogasse a suzerania sobre a Corsega e a Sardenha, que pertenciam então ao imperio de Byzancio. A dieta concedeu-lhe todos estes direitos, isto é, legalisou o poder absoluto. Mas esse poder foi quebrar-se contra a tenacidade das republicas. Quando o *Cesar allemão* lhes quiz impôr os *podestats* imperiaes, revoltaram se as cidades de Milão, de Brescia, de Plascencia e de Crema. A lucta foi assombrosa. Pela primeira vez se encontraram de frente e armados os dois direitos da edade média, — o direito feudal e o direito municipal. O primeiro era defendido pela cavallaria brilhante do feudalismo, aguerrida nas pugnas civis, experimentada em mil batalhas, dextra nos torneios e nos pesados jogos d'armas, e que voava a prear nos burguezes com alegria feroz, como se fôra uma empreza de aventuras. O segundo era coberto pela infanteria pesada dos concelhos, pela chusma ousada e solerte dos bésteiros, os quaes

---

«Ea potestas per senatum, more Romano, magistratui maxima permittitur, exercitum parare, bellum gerere, coercere omnibus modis socios atque cives, domi militiaeque imperium atque judicium summum habere; aliter, sine populi jussu, nulli earum rerum consuli jus est.» C. C. Sallustii *Bellum Catilinarium* p. 52.

[1] S. Bernardo escrevia ao bispo de Constança, em cuja diocese se havia refugiado Arnaldo: — «N'elle encontrareis um homem que, intrepido, offerece guerra ao clero, confiando no poder tyrannico das espadas, um homem que se revolta contra os proprios bispos, e que exerce os seus furores sobre toda a ordem ecclesiastica. Sabido isto, praticareis obra de valor, seguindo o preceito apostolico, isto é, removendo o mal d'entre nós. Um verdadeiro amigo da egreja antes deveria lançá-lo em ferros, do que permittir-lhe a fuga; porque, quantas mais terras percorrer, mais nocivo é. Nosso senhor, o papa, quando estava entre nós, assim o tinha ordenado por escripto, receando o mal, que este homem fazia, mas não houve ninguem que quizesse praticar uma boa acção.» *Sancti Bernardi epistolae, 195, 196. Apud Script. rer. gallic. et francic., t. XV.*

[1] Othon de Frisingen, — *De gestis Frid. l. II, c. 21, p. 718.*

[2] Depois de 1347 ainda appareceu em Roma uma outra tentativa de republica, a tentativa de Porcaro; mas foi apenas uma frouxa imitação das audaciosas revoluções de Arnaldo de Brescia e de Rienso.

[1] F. Guizot, — *Essai sur l'histoire et sur l'état actuel de l'instruction publique en France, p. 14, edição belga de 1846.*

[2] Bibliophile Jacob, — *Lettres de Héloïse et de Abélard, intr., ed. de 1865.*

F. Guizot, — *Histoire d'Héloïse et de Abélard, intr., ed de 1840.*

[3] O direito dos antigos codices municipaes transferiu completo e mais perfeito para os codigos politicos de todas as nações da Europa.

[4] *Sismondi*, — t. 1, p. 351 a 359.

[5] Magistrados, que julgavam todos os processos civis.

todos eram cidadãos endurecidos no manejo das armas e no combate das cidades e castellos. Tinham estes tambem a convicção de que a sua derrota os arrastava á perda de regalias, que, á sombra das guerras feudaes, tinham adquirido, ora por compra, ora de mão armada, sempre com o sacrificio dos proprios haveres ou da propria vida. Assim, a lucta era desesperada. Estavam frente a frente duas sociedades: — uma, resultante da evolução por que haviam passado os elementos sociaes do mundo antigo; outra nascida da grande descentralisação da edade-média. O anti-papa, Victor III, abençoava a Frederico Barba-Roxa, sob cuja bandeira combatia o feudalismo da Allemanha e da Italia. Um pontifice patriota, Alexandre III, abençoava a liberdade italiana, animando as milicias aguerridas dos burguezes lombardos.

A campanha deu começo no cerco de Crema, que resistiu seis mezes ao imperador (1160), continuou no combate de Cassano, em que os Milanezes o obrigaram a fugir; protrahiu-se ao anno de 1161, em que o terrivel Xerxes da edade-média voltou novamente á Italia, assolando-a com um exercito de cem mil homens. Em 1162 poz cerco a Milão; e, após apertado assedio de dois annos caiu a cidade rendida pela fome. Seus habitantes, velhos, adultos, mulheres e creanças, foram expulsos; as casas saqueadas e destruidas pelos fundamentos; no immenso cadaver cevaram-se os allemães, qual bando de corvos!

Este acontecimento, longe de entibiar as republicas, foi o grito de rebate, que chamou ás armas toda a Lombardia. A extrema decadencia dos vencidos, outr'ora opulentos burguezes e activos mesteraes, agora sem lares nem patria, deixou profunda impressão no animo de todos os cidadãos italianos. Os naufragos da immensa catastrophe percorriam as cidades, esmolando a caridade, e contando dos seus, com lagrimas sobre a futura sorte da Italia. A' vista de tamanho infortunio calaram-se os odios antigos. As republicas, que por todos os modos sentiam o jugo de ferro do imperador, comprehenderam que a ruina de Milão era a sua ruina. Então nasceu a vasta associação, a que a historia chamou — *a liga lombarda* (1164).

A 7 de abril de 1167 os representantes de Cremona, de Bergamo, de Brescia, de Mantua e Ferrara, reuniram no mosteiro de Puntido, entre Milão e Bergamo; e n'aquelle instituto, devotado á paz e á oração, ouviu-se a voz rude do homem do povo, prégando a defeza das liberdades italianas contra as oppressões feudaes, legalisadas pela dieta de Roncaglia. Um tal appello achou echo em todos os municipios da peninsula. Na primavera d'esse anno (27 d'abril de 1167) as tropas de Brescia, de Cremona, de Mantua, de Verona e de Trevise reconstruem as muralhas de Milão; e obrigando pela força das armas a cidade de Lodi a entrar na *liga*, esta, a pouco trecho viu no seu gremio toda a Italia, desde Veneza até ao Piemonte.

Em 1168 faziam parte da vasta conjuração burgueza as cidades de: Verona, Vicense, Padua, Trevise, Ferrara, Brescia, Bergamo, Cremona, Milão, Lodi, Plasencia, Parma, Modena, e Bolonha, os habitantes de Novara, Verceil e Como, e os feudatarios de Belfort e de Seprio. Accresceram as cidades de Asti e Tortona; e nesse anno para exaltar a memoria de Alexandre III, illustre defensor da causa das republicas, fundaram estas a cidade da Alexandria sobre o Tanaro [1]. De 1168 a 1174, isto é, durante seis annos, continuaram preparando-se, o imperador e a *liga lombarda*, para novos combates. Emquanto o Cesar allemão recruta um numeroso exercito feudal, extende-se a liga ao meio-dia da peninsula, recebendo o juramento das cidades da Romagna, de Ravenna, de Rimini, Izola e Forli.

Nos fins de 1174, já completos seus aprestes de guerra, entrou o Barba-Roxa na Italia pelo monte Cenis, [2] entregando ás chammas Suse, primeira cidade que encontrou; seguidamente, rendendo-se Asti, associada á liga-lombarda, pôz cerco a Alexandria da Palha[1] (1175). Mas o immenso exercito do imperador, e seus estratagemas de guerra, nada puderam contra a cidade, que resistiu immune por espaço de seis mezes. Afinal, na primavera d'aquelle anno, correndo a nova de que a *Liga* vinha em soccorro dos sitiados, tentou o imperador rendê-los á traição; foi rechaçado. Então quiz appellar ainda uma vez para o direito; e, licenciando seus homens de guerra, reunio a dieta de Pavia, onde compareceram os delegados da egreja e os das repúblicas. Mas, porque se combatiam as paixões e os interesses dos dois partidos, um accordo tornara-se impossivel; assim, outro exercito de allemães appareceu na Italia nos começos do anno seguinte (1176).

O imperador foi esperal-o em Como, e logo, no mez de Maio, com elle accommette o castello de Lignano no condado de Seprio. Os Milanezes, os primeiros expostos á invasão tinham apertado de energia na defeza. Obtendo que se refizesse o juramento que os ligava ás demais cidades lombardas, haviam robustecido suas hostes com duas legiões experimentadas: — a da *morte* de novecentos cavalleiros, e a do *carrocio*, ou da grande bandeira, de trezentos mancebos das principaes familias. Ambas tinham jurado: — *antes morrer do que recuar* (1176). Os restantes cidadãos, distribuidos em seis cohortes, seguiam os estandartes das seis portas da cidade, e deviam combater sob o commando dos chefes de cada bairro.

A 29 de Maio fere-se a terrivel batalha de Lignano. Os dois corpos milanezes, o da *grande bandeira* e o da *morte*, capitaneados pelo gigante Alberto de Guissano, deram a victoria aos italianos. O numeroso exercito allemão foi espostejado; seu chefe, cahido na refrega, tiveram-no por morto, e só dias depois é que um cavalleiro á redea larga entrou em Pavia, coberto de lodo e sangue: — era Frederico I, o grande, o Barba-Roxa!

Assim acabou a lucta das repúblicas.

Conde de Valenças.

[1] Tendo ficado Pavia vassala do imperio, era este o unico meio de fechar á invasão allemã a *marche* do Piemonte. Não podia o imperador entrar pela *marche* veroneza, poisque Verona pertencia á liga.

[2] Atravessou os Alpes da Saboya.

[1] Assim chamada, porque, de recente construcção, tão sómente pudera construir as suas muralhas — de terra e palha. É este o nome, que ainda hoje tem.

NECROLOGIA

CONDE DE DAUPIAS — Fallecido em 25 de janeiro de 1900

NECROLOGIA

CONDE DAUPIAS

Mais um que quiz antecipar as immutaveis leis da natureza! Mais um, cujas forças lhe não permittiram supportar a lucta immensa da vida! Mais um que anniquilando-se antes de tempo, veiu enlutar o coração de quantos o conheciam!...

Pobre Conde Daupias! Quem nos diria a nós, que te conhecemos rodeado de tantas grandezas, cheio de tanto vigor, que as vicissitudes da vida te levariam a procurar na bocca d'uma pistola o tragico desenlace d'uma existencia tão prestante e laboriosa!...

Infeliz Conde, que preferiste deixar o mundo sem que mão amiga te cerrasse as palpebras, quando tantos se dariam por felizes se pudessem prodigalizar-te, nos teus ultimos momentos, os affectos da verdadeira e leal amizade que tu, impellido por um morbido pensar, inconscientemente desprezaste!...

Triste e irremediavel resolução foi essa, que com profunda mágoa hoje aqui registamos!...

Pedro Eugenio Daupias nasceu em França no anno de 1818. Era filho do Visconde d'Alcochete, que desde muito residia em Lisboa, onde dirigia a importante fabrica de tecidos que primitivamente foi estabelecida na Rua Formosa.

Depois de concluidos os seus estudos em Paris, o sr. Pedro Daupias regressou a Lisboa, onde devia continuar a obra encetada por seu pae.

Na sua maioridade optou pela nacionalidade portugueza, e occupando-se do desenvolvimento da sua industria, com tal acerto se houve, que de todos é conhecida a importancia que adquiriu a fabrica de lanificios, por fim estabelecida ao Calvario.

A actividade e zelo de tão habil administrador não podiam ficar sem recompensa, e a fabrica, augmentando na sua producção, dava taes lucros, que em pouco tempo o seu proprietario se tornou rico.

Era ver como de manhã percorria as suas officinas, conversando com os respectivos contramestres, informando-se de qualquer eventualidade e dirigindo, por si só, os trabalhos com a verdadeira intelligencia que todos lhe reconheciam!...

Mas não era só como industrial instruido e diligente que o sr. Pedro Eugenio Daupias, a quem El-Rei D. Luiz I agraciou com o titulo de Conde, se salientava: era tambem como verdadeiro genio artistico que temos de o apreciar.

As suas repetidas viagens a Paris, onde frequentava assiduamente as casas que se occupavam da venda d'objectos d'arte, despertaram n'elle o seu apurado gosto e em pouco tempo adquiriu, por intermedio de Goupil, a maior parte dos valiosos quadros que constituiam a admiravel galeria que ha annos teve de vender, e que produziu a importante somma d'um milhão e trezentos mil francos.

Outro tanto fez pela musica, á qual dedicava igual culto. Os conservatorios extrangeiros contaram no numero dos seus alumnos alguns que o Conde subsidiava e que lhe deveram o ter podido revelar o talento com que a natureza os dotara.

Que deliciosas noutes se passaram n'aquellas soberbas galerias, ouvindo Rubio, Arbos, Gregorovisch, Vieira da Motta, Rey Collaço e tantos outros que o Conde Daupias expressamente contratava para tornar verdadeiramente celebres aquelles esplendidos saraus do Calvario!...

Em 1892 porém, os 18 de julho, um grande acontecimento perturbou esta existencia prestante e meritoria. A morte de sua esposa, que era, para assim dizer, o sustentaculo d'aquella intelligente actividade, determinou n'elle abalo tão profundo, que quasi lhe podemos chamar verdadeira *morte moral*. A partir d'essa epoca não nos é permittido seguir o Conde nos caminhos espinhosos em que a má sorte o lançou; por isso o OCCIDENTE, terminando, só lhe resta consignar n'esta pagina a homenagem sincera e merecida ao merito e qualidades de tão illustre finado.

Dr. I. d'Almeida Hirsch.